



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Gentileza é felicidade

Sempre me interessei por matérias que envolvam uma arte de viver. Ser gentil quando tudo vai bem é fácil. O difícil é lidar com situações de conflito. Por isso, a psicóloga e jornalista Rosana Braga escreveu *A gentileza como bem-estar e felicidade* (Ed. Buzz). É baseado em pesquisas na área comportamental e corporativa. Rosana tem 11 livros publicados.

Resolvi fazer uma entrevista-réplica com ela (essa não é mediúnica) sobre o tema tão interessante e útil em nossas vidas. Fala, Rosana.

O que é a gentileza?

Parto do pressuposto de que ser gentil é ser firme, mas sem trair os seus valores. Às vezes, a pessoa tem toda a razão diante de uma circunstância, mas quando parte para a violência, perde a razão.

Ser gentil é ser bonzinho?

Não é ser bonzinho, não é ser bobo, não é desprezar os seus sentimentos. É ter flexibilidade, quem não tem flexibilidade se quebra.

A gentileza é mais do que a urbanidade?

Com certeza, é mais do que educação ou polidez. Porque a educação é constituída por regras de boa convivência: “bom dia, boa tarde, dá licença”. Torna a comunicação funcional. Mas, quando você é gentil, transforma o ambiente mais humano.

De que maneira?

Gentileza tem muito a ver com empatia, com ouvir o outro. Quando você é reativo e impulsivo, é muito difícil praticar a gentileza.

O que leva as relações humanas a desandarem?

Você se irritou com uma pessoa, o desejo é revidar, dar o troco, pagar na

mesma moeda. As pessoas dizem: dou um boi para não entrar em uma briga, mas dou uma boiada para não sair. No fundo, isso incita a violência.

Simulemos uma situação. Estou dirigindo o carro, de repente, ouço a batida de outro carro na traseira. E aí, como fica a gentileza?

Claro que em um primeiro momento, você fica assustado. Mas é importante se colocar no lugar da outra pessoa, ver se alguém se machucou. As pessoas são mais importantes do que os carros. Depois, você vai ver o que de fato aconteceu, quem é o responsável, quem pagará o conserto. Mas, tudo de maneira gentil, não adianta sair xingando do carro, só vai causar mais estresse.

E se a outra pessoa não é gentil? Como se comportar?

Quem decide como se comporta é você. Às vezes, você pode ser mais incisivo, mas não precisa machucar.

Qual é o ganho em ser gentil?

Primeiro, ganha relações mais saudáveis e ambientes mais agradáveis. E, depois, amplia a capacidade de comunicação e de resolução de conflitos. O profissional gentil tem um valor cada vez maior nas empresas. As pessoas estão cada vez mais estressadas e deprimidas. A saúde psíquica é extremamente beneficiada pela gentileza. Como diz o título do meu livro, gentileza é bem-estar e felicidade.

LGBTQIA+ / Desde 2013, primeiro ano de vigência da autorização nacional para que os cartórios de registro civil realizassem matrimônios entre pessoas do mesmo sexo, o número cresceu quase sete vezes

Reconhecimento e vitória do amor

» ARTHUR DE SOUZA

Dez anos após a autorização que permitiu aos cartórios de registro civil realizarem casamento de pessoas do mesmo sexo, e 12 anos desde que o Supremo Tribunal Federal (STF) equiparou a união homoafetiva às heteroafetivas, o número desses matrimônios cresceu quase sete vezes. Em 2013, foram 83 celebrações, enquanto no ano passado foram 628. Até abril de 2023, os cartórios do Distrito Federal contabilizaram 2.369 enlances.

Os números são da Central de Informações do Registro Civil (CRC Nacional), que colhe dados de nascimentos, casamentos e óbitos administrados pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil). A entidade reúne os 7.757 cartórios de registro civil do país. Eles são contabilizados a partir da publicação da Resolução nº 175 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que padronizou a atuação das unidades registras no país. Os casais femininos são a maioria, representando 52,1% do total, enquanto os masculinos aparecem com 47,9%.

Antes da publicação da norma, os cartórios eram obrigados a solicitar autorização judicial para celebrar casamentos que, muitas vezes, eram negados pelos magistrados por conta da ausência de lei, que até hoje não foi editada pelo Congresso Nacional. A questão foi superada pelo STF que, em 2011, entendeu existir os mesmos direitos entre casais heteros e do mesmo sexo.

O vice-presidente da Arpen-Brasil, Bruno Quintiliano, afirma que a evolução nos casamentos entre pessoas do mesmo sexo reflete não apenas na ampliação dos direitos e da igualdade para casais do mesmo sexo, mas também uma

mudança significativa na percepção social sobre a diversidade e o respeito às diferentes formas de amor e união. “O reconhecimento legal do casamento homoafetivo trouxe avanços importantes para a garantia dos direitos civis e a proteção jurídica desses casais”, ressalta. “Essa mudança reflete o compromisso com a igualdade e o respeito à diversidade, proporcionando a todos os casais, independentemente da orientação sexual, a oportunidade de formalizarem sua união e desfrutarem dos direitos e benefícios legais que o casamento oferece”, acrescenta Quintiliano.

Altos e baixos

Os matrimônios entre casais femininos totalizaram 1.235 das celebrações homoafetivas em cartórios do DF desde 2013. A advogada Paloma Gomes, 38 anos, e a jornalista Bárbara Mengardo, 33, fazem parte dessa estatística. “Posso dizer que isso nos deu e nos dá muita segurança, ainda mais com os últimos anos sombrios que vivemos no Brasil. É o que nos garante, por exemplo, entrar e permanecer uma ao lado da outra em hospitais sem maiores questionamentos”, comenta Paloma, que continua. “Parece algo simples, banal e corriqueiro para casais heteros, que dificilmente seriam questionados sobre o estado civil, caso precisassem acompanhar seus maridos ou esposas num hospital. Mas para o nosso público, nem sempre é tão fácil.”

Bárbara Mengardo reforça a fala da esposa. “A gente pode se casar, mas tudo relacionado ao casamento LGBT é precário ainda. Já tive dificuldade, por exemplo, em colocar a Paloma no meu plano de saúde”, comenta. “Fico muito feliz pelo aumento de casamentos homoafetivos, mas ainda é preciso

Vitor Barboni



Bárbara e Paloma comemoram, mas afirmam que os direitos da pessoa LGBTQ+ precisam avançar mais

avançar muito na questão dos direitos ao público LGBT, que decide se unir no civil”, aponta.

“Não saio de casa sem minha certidão de casamento. Bárbara é a minha esposa e ponto. Apenas espero e exijo que respeitem a nossa existência, como mulheres que amam outras mulheres e como família”, desabafa Paloma.

Didático

Francisco Monteiro e Luiz Eduardo Sarmento, ambos de 35 anos, se conheceram em 2012,

por meio de amigos em comum. De acordo com Francisco, desde a primeira noite que se viram, nunca mais se desgrudaram. “Dormimos todos os dias juntos desde aquele dia. Após um mês juntos, aconteceu o pedido de namoro e, seis meses depois, passamos a morar juntos”, recorda o arquiteto. “Soubemos da autorização para casamentos homoafetivos pelas redes sociais e, em 2015, para assegurar nossos direitos civis, decidimos procurar um cartório. Também oficializamos a união como um ato de

representatividade”, destaca.

Segundo Francisco, o casal não enfrentou nenhum tipo de preconceito da família ou dos amigos. Em relação ao crescimento de casamentos homoafetivos no DF, o arquiteto comemora as estatísticas. “Enxergo como algo didático para o restante da sociedade, pois uma iniciativa como essa ajuda a naturalizar a união entre casais do mesmo sexo. As crianças da nova geração vão crescer sabendo que existe mais de um tipo de casamento”, afirma.

Para saber mais

Casamentos civis homoafetivos no DF	
2013	83
2014	129
2015	120
2016	145
2017	171
2018	274
2019	280
2020	161
2021	227
2022	628
2023	151*

*até abril

Fonte: Arpen-Brasil

Quero casar

Hora das núpcias

Para realizar o casamento civil é necessário que os noivos, acompanhados de duas testemunhas (maiores de 18 anos e com seus documentos de identificação), compareçam ao cartório de registro civil da região de residência de um dos nubentes para dar entrada na habilitação do casamento. Devem estar de posse da certidão de nascimento (se solteiros), de casamento com averbação do divórcio (para os divorciados), de casamento averbado ou de óbito cônjuge (para os viúvos), além de documento de identidade e comprovante de residência.

INVESTIGAÇÃO

Acordo leva generais à CPI

» PABLO GIOVANNI

Um “acordo de cavalheiros” deve assegurar os depoimentos de personagens-chave para o andamento da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Atos Antidemocráticos. É esperado, nas próximas semanas, o comparecimento de generais do Exército Brasileiro na Câmara Legislativa (CLDF), após a aprovação de requerimentos na última sessão da CPI.

Apesar de todos estarem convocados, um acordo entre o Exército e os deputados distritais transformou em convites (quando não são obrigados a comparecer) a vinda do trio. Uma equipe do Exército compareceu à CPI na última semana, antes do depoimento do empresário suspeito de financiar os atos, Adatao Lúcio Mesquita, inspecionando a

Casa e conversando com os parlamentares em cada gabinete. Os militares do Exército pediram que a comissão transformasse as convocações em convite e, com isso, confirmariam a presença dos generais.

“Recebemos uma delegação de militares, enviados pelo comandante do Exército (Tomás Paiva), onde ele pediu que nós transformássemos as convocações, de três generais, em convite. Com isso, ele garantiria a presença desses generais aqui, uma vez sendo convidados. Eles conversaram com todos os deputados”, contou o presidente da CPI Chico Vigilante (PT).

O primeiro a ser ouvido é o general Gustavo Henrique Dutra de Menezes, ex-chefe do Comando Militar do Planalto (CMP). O militar exonerado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) é

alvo de desconfianças por ter protegido golpistas que invadiram os prédios dos Três Poderes, nas várias investidas do governo local de tentar desmobilizar o acampamento bolsonarista em frente ao Quartel-General do Exército.

Após, a CPI ouve o general Augusto Heleno, ex-ministro do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República (GSI), em 1º de junho. O general era considerado por muitos do núcleo do ex-governo como braço-direito do então presidente Jair Bolsonaro (PL). Heleno e os integrantes da CPI chegaram a costurar um depoimento na CLDF, mas o general desistiu após ser orientado pelos advogados a não colocar “mais gasolina”.

Por fim, o general Marco Edson Gonçalves Dias, ou G.Dias, deve ser ouvido pelos distritais em 17 de junho. O general

Ed Alves/CB



Segundo emissários do comandante do Exército, generais comparecerão para depôr na CLDF

ocupava o cargo de ministro-chefe do GSI nos ataques do dia 8 e pediu demissão após imagens reveladas pela CNN Brasil mostrarem que o militar estava circulando dentro do Palácio do

Planalto durante os atos. A atuação do ex-ministro foi estopim para os distritais aprovarem a convocação do militar.

Antes dos generais, a CPI vai ouvir o indígena José Acácio

Serere Xavante, conhecido como cacique Tsereré, preso pela Polícia Federal em 12 de dezembro, o que desencadeou em atos golpistas em frente à sede da PF, no mesmo dia.